

A APRENDIZAGEM COOPERATIVA NA ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL ALAN PINHO TABOSA EM PENTECOSTE (CE)



Corina Bastos Bitu

Professora Mestre Pelo Programa de Pós Graduação e Gestão e Avaliação da Educação Pública da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) (2014)- Diretora da

Escola Estadual de Educação Profissional Paulo VI- Fortaleza- Ce.

Email: corinabitu@hotmail.com

RESUMO

Este artigo trata da Metodologia da Aprendizagem Cooperativa em uma Escola Estadual de Educação Profissional do Estado do Ceará (Brasil). Tal fato na região está associado originalmente às iniciativas autônomas e informais de grupos de jovens, tais como o Programa de Células Cooperativas (PRECE), os quais têm transformado as expectativas e o alcance educacional de alunos das camadas populares locais e vem se consolidando como uma alternativa à educação pública em seu formato tradicional.

Palavras-chave: Aprendizagem Cooperativa; PRECE; Ceará

INTRODUÇÃO

A Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, localizada no município de Pentecoste (CE), é a primeira instituição formal do Ceará a implantar o modelo da Aprendizagem Cooperativa (AC). A cidade de Pentecoste está localizada na região que pode ser considerada como o berço da Aprendizagem Cooperativa no Estado. Como tal, ela surgiu de uma experiência na comunidade rural de Cipó, situada a 16 Km de Pentecoste, quando sete estudantes resolveram se reunir para estudar em grupo com o objetivo de concluir o Ensino Fundamental e Médio. Para tanto, esses estudantes contaram com a ajuda do Professor Manoel Andrade Neto, docente da Universidade Federal do Ceará (UFC), nascido naquele município (MIRANDA; BARBOSA; MOISES, 2011).

Essa experiência informal passou a chamar a atenção quando seis dos sete estudantes conseguiram ser aprovados no vestibular da UFC em 1996 nos cursos de Licenciatura em Química, Teologia, Agronomia, História e Pedagogia. O exemplo de cooperação foi tão importante que pessoas vinham de outras comunidades com o intuito de imitar o tal grupo de jovens.

O sucesso das aprovações ganhou destaque, espalhando-se logo para outros municípios, o que motivou e contribuiu para a formação de outros grupos de estudo, com vistas a entrar na universidade pública no momento em que tal acesso era reconhecidamente exclusivo dos filhos de famílias ricas. Todavia, os grupos de estudo mostraram que filhos de agricultores e vaqueiros também possuíam potencial para obter bons resultados no campo educacional e, assim, conseguirem o ingresso na universidade. A partir de então, a história desses sete estudantes começou a ser conhecida como o Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE). Atualmente, já se contabilizam mais de 700 estudantes aprovados na UFC que passaram por esse programa (MIRANDA; BARBOSA; MOISES, 2011).

As definições sobre a “Aprendizagem Cooperativa” sugerem a ideia de cooperação mútua. Para Johnson e Johnson (1993, *apud* LOPES ; SILVA, 2009), ela deve ser entendida como um método de ensino que consiste na utilização de pequenos grupos, de tal modo que os alunos trabalhem em conjunto para maximizar a aprendizagem. A escola tradicional, além de centrada no professor e na transmissão dos conhecimentos, valoriza o desenvolvimento do conhecimento determinado pelo currículo escolar. No final do ano letivo, o professor deve prestar contas em relação ao ensino de todo o conteúdo determinado por esse currículo. Esse modelo, também denominado por Paulo Freire de “ensino bancário”, é um modelo que deforma a necessária criatividade do educando e do educador (FREIRE, 2013).

A proposta do método da Aprendizagem Cooperativa, ao contrário do método tradicional, coloca o professor como um *mediador* do conhecimento. O aluno passa a ser sujeito do processo ensino-aprendizagem, participando da aula, interagindo com os colegas, tornando-se corresponsável pela sua aprendizagem e pela aprendizagem dos demais alunos. Ele é estimulado pelo professor a socializar o saber. A intenção desses pilares é a transformação do aluno em um indivíduo mais informado e autônomo.

Este modelo baseado na metodologia da AC requer que o docente substitua o papel de transmissor de conteúdos para se tornar mediador do processo ensino-aprendizagem. O professor precisa ser alguém que forme, com os seus alunos, um grupo de trabalho com objetivos comuns. Com o intuito de compreender melhor este modelo, trato do caso concreto da Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, situada no município de Pentecoste no Ceará.

A METODOLOGIA DA APRENDIZAGEM COOPERATIVA DOS IRMÃOS JOHNSON E JOHNSON

A Aprendizagem Cooperativa sistematizada pelos irmãos norte-americanos Johnson e Johnson é considerada “[...] um método de ensino que consiste na utilização de pequenos grupos de tal modo que os alunos trabalhem em conjunto para maximizarem a sua própria aprendizagem e a dos outros colegas” (LOPES ; SILVA, 2009, p.3). Para tanto, é empregada uma série de métodos e técnicas que são estruturados a fim de promover uma cooperação entre os discentes. O professor/facilitador tem, nesse caso, o papel de apresentar o conteúdo, propor atividades coletivas e fazer um acompanhamento da forma como essas são realizadas nos grupos.

O modelo da Aprendizagem Cooperativa e sua complexidade podem explicar porque ela tende a ser usada menos do que a aprendizagem competitiva e

individualista. São vários os fatores que a deixam em segundo plano, dentre eles o fato de que muitos alunos não conseguem entender como opera o trabalho cooperativo, o que pode ser compreendido por meio da observação da cultura predominante do trabalho competitivo e individualista. Os alunos são reprodutores das escolas em que estudaram e, assim, cultivam um sistema em que se priorizam as classificações promovidas por professores exigentes na avaliação (JOHNSON ; JOHNSON; KARL, 1998).

Outro elemento que contribui para que o modelo não seja aplicado é a falta de investimento na formação dos professores. Por fim, há uma resistência por parte dos próprios alunos em relação a essas mudanças didáticas.

Três modos inter-relacionados foram desenvolvidos na Universidade de Minnesota, em Minneapolis, para usar a AC nas aulas: o formal, o informal e o modo de grupos em base cooperativa. Podemos entender como Aprendizagem Cooperativa formal aquela:

Em que os alunos trabalham juntos, durante um período de várias semanas, para atingir alvos compartilhados de aprendizagem, visando completar, em conjunto, tarefas e trabalhos específicos. [...] Em grupos formais de aprendizagem cooperativa, os instrutores tomam um número de decisões antes do processo de aprendizagem. A aprendizagem dos alunos é verificada cuidadosamente, e o desempenho de cada um é avaliado. Os membros dos grupos de aprendizagem processam então os modos como podem trabalhar juntos com eficiência (JOHNSON ; JOHNSON; KARL, 1998, p.11).

Na Aprendizagem Cooperativa Formal, o instrutor tem papel importante, sendo ele que define as tarefas, ensina as estratégias e os conceitos necessários, decidindo sobre os objetivos acadêmicos e os objetivos que tratam das habilidades sociais, do tamanho dos grupos, do método de divisão dos alunos entre os grupos, dos papéis que serão dados aos alunos, dos materiais necessários para se conduzir a aula, e também, o modo como a sala será remanejada. É fácil perceber a importância do instrutor para o grupo da Aprendizagem Cooperativa Formal. Além das atribuições acima citadas, o instrutor também:

[...] Explica a interdependência positiva e a responsabilidade individual, fornece os critérios para o sucesso, e especifica as habilidades sociais que se esperam; monitora a aprendizagem dos alunos e intervém para dar assistência aos alunos, com tarefas ou com habilidades interpessoais e de grupo. [...] Observa e coleta informações de cada grupo durante seu trabalho. [...], intervém para dar assistência aos alunos no sentido de completar com precisão a tarefa, e de trabalharem juntos com eficiência; fazer a verificação e a avaliação da aprendizagem dos alunos, e ajudá-los a processar o modo como seus grupos podem funcionar bem (JOHNSON ; JOHNSON; KARL, 1998, p.11).

Já os grupos de Aprendizagem Cooperativa informal, ao contrário do grupo formal, são usados para promover a instrução direta, são tipicamente temporários, formados por um breve período de tempo, com discussões de dois a quatro minutos durante uma sessão de aula. Nos grupos informais, os instrutores podem usar grupos formais de Aprendizagem Cooperativa durante suas aulas, promovendo uma discussão reflexiva sobre uma questão colocada pelo professor, ou ainda, para fazer uma síntese sobre o que instrutor apresentou. Essa forma de trabalho prende a atenção dos alunos no material e também possibilita que lhes seja assegurado o processamento desse conhecimento.

Por fim, os grupos em base cooperativa são grupos que têm uma duração mais prolongada, durando, pelo menos, um semestre. Nesses grupos, os membros são estáveis e a responsabilidade principal é incentivar, apoiar, encorajar o aluno para que ele possa progredir academicamente e completar seu curso com êxito. De acordo com os tipos de AC apresentados, fica evidente que eles se complementam e dão suporte um ao outro. E, mais do que isso, eles podem ser usados simultaneamente em uma única sessão de aula. Esse espírito de cooperação, de responsabilização, de apoio e, acima de tudo, de motivação, é uma característica presente na organização das células de estudo formadas no PRECE.

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO EM CÉLULAS COOPERATIVAS (PRECE)

A história do Programa de Educação em Células Cooperativas¹ (PRECE) começou em 1994 no município de Pentecoste (CE), na comunidade rural chamada Cipó, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida de jovens com pouca ou nenhuma perspectiva de escolaridade, com uma faixa etária diferente à da maioria dos estudantes do Ensino Fundamental e Médio, mas com motivação e vontade de aprender. Essa situação ocorria em função de a maioria dos jovens da região não ter condições de dar continuidade aos estudos, uma vez que, na comunidade, não havia escolas de Ensino Médio. Assim, os que conseguiam concluir o Ensino Fundamental se viam sem disponibilidade para prosseguir de seus estudos, visto que a maioria não tinha condições para se deslocar até a sede do município ou a capital.

Nesse contexto nasceu o PRECE, a partir da iniciativa de sete jovens que começaram a se reunir em uma casa de farinha para compartilhar conhecimentos e partilhar suas histórias de vida. O grupo tinha seu próprio método de estudo, no qual “[...] estudando em grupo, compartilhando conhecimentos e socializando conteúdos, protagonizaram a educação para as comunidades da região” (ANDRADE NETO; MAZZETTO, 2006).

1 Maiores informações sobre Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE) estão disponíveis em <www.prece.ufc.br>. Acesso em 18/ jan/2013.

A primeira denominação do grupo de estudantes foi inspirada em uma música de Milton Nascimento, “Coração de Estudante”, surgindo, em 2004, o nome “Projeto Educacional Coração de Estudante”. Mais tarde, a sigla PRECE passou a designar o que seria o Programa de Educação em Células Cooperativas.

Dois anos depois, em 2006, um dos sete estudantes prestou vestibular e foi aprovado em 1º lugar na Universidade Federal do Ceará, no curso de Pedagogia. O fato gerou grande repercussão na região e cravou um marco na história educacional do município. Para o professor Andrade Neto “[...] esse momento foi um divisor de águas na história do programa. O resultado encheu de orgulho a humilde comunidade de Cipó e tornou-se grande motivação para que novos estudantes se integrassem ao programa” (ANDRADE NETO; MAZZETTO, 2006, p. 6).

A cada ano que passava, mais estudantes ingressavam na universidade por meio do apoio do PRECE. Assim, o exemplo dos meninos do sertão que cooperavam entre si saía dos limites de Cipó, ganhando outras comunidades e municípios. Os grupos, agora chamados células de estudo, multiplicaram-se e passaram a se chamar “Escolas Populares Cooperativas”. Atualmente, mais de 700 estudantes de origem humilde já tiveram acesso ao Ensino Superior e retornam para colaborar com o desenvolvimento local de suas comunidades, buscando manter esse ciclo de solidariedade do projeto. Para Andrade Neto:

O mais importante é que a maioria conseguiu entender a lição de cooperação e solidariedade e continuam voluntariamente engajados no Programa, dando continuidade e sustentabilidade aos iniciantes. A colaboração dos estudantes aliada à eficácia da metodologia aplicada tem permitido a multiplicação do programa (ANDRADE NETO ; MAZZETTO, 2006, p. 9).

Negar a importância dessas aprovações em universidades públicas, como a Universidade Federal do Ceará é impossível. Porém, para Andrade Neto, a conquista é bem maior. Em suas palavras:

Um ponto importante desde o início do Programa vai muito além do ingresso no vestibular. A iniciativa maior advém da transformação da comunidade resgatando a melhoria da qualidade de vida de quem nada tem além de coragem, esperança e força para mudar. [...] O Programa busca mais dois grandes desafios na sua região de atuação: o de transformar o conhecimento obtido na educação superior em sustentabilidade, com o desenvolvimento local, propiciando a inclusão social através da educação, com geração de renda e aumento do poder aquisitivo das comunidades atendidas e catalisar transformações políticas inerentes à nova realidade educacional. Na visão do PRECE, cada cidadão passa a ser um protagonista autônomo e cada comunidade um espaço de cooperação e desenvolvimento igualitário (ANDRADE NETO; MAZZETTO, 2006, p. 10).

A metodologia do PRECE foi difundida na Universidade Federal do Ceará, em 2008, com a criação da Coordenadoria de Formação e Aprendizagem Cooperativa (COFAC), um programa da Pró-Reitoria de Graduação da UFC que incentiva os estudantes a organizarem grupos de estudos cooperativos nos diversos ambientes e unidades acadêmicas. Além disso, o PRECE, como reconhecimento da relevância de seu trabalho, teve a sua metodologia implementada na Secretaria de Educação do Estado do Ceará SEDUC-CE, em 2008, com o desafio de promover a articulação do currículo do Ensino Médio com a formação para o Projeto Estudante Cooperativo da Coordenadoria de Protagonismo Estudantil.

A experiência inspiradora do PRECE e o envolvimento do seu maior defensor, Andrade Neto, com a Secretaria de Educação do Estado do Ceará, através da Coordenadoria de Protagonismo Estudantil, levaram ao planejamento de ações mais audaciosas do que as que até então haviam sido implementadas. Diante dessa realidade e com a criação da Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, surgiu a perspectiva de implementar o referido método, dessa vez em uma escola formal.

CONTEXTO DE SURGIMENTO DA ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL ALAN PINHO TABOSA

O Governo do Estado do Ceará, através da Secretaria da Educação (SEDUC), atendendo às disposições da Lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, propondo que a Educação Profissional integre-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, das ciências e da tecnologia, a partir do ano de 2008, passou a adotar uma política de oferta do Ensino Médio integrado à Educação Profissional, implementando o modelo de escola pública em tempo integral nas Escolas Estaduais de Educação Profissional (EEEP) (CEARÁ, 2010).

A criação das escolas profissionais no Ceará se configura como uma proposta diferente para o Ensino Médio, tendo a missão de integrar a formação escolar de nível médio com uma habilitação profissional técnica, por meio de educação acadêmica de excelência e de formação para o mundo do trabalho e de práticas e vivências em protagonismo juvenil. O propósito seria alterar a percepção sobre o Ensino Médio, etapa essa sempre cercada de muitos desafios para os gestores educacionais.

De acordo com o documento Referencial para a oferta do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional da Rede Estadual de Ensino do Estado do Ceará:

[...] A essencialidade do projeto de escola pública integral, centra-se exatamente na garantia de novo conceito e de uma nova proposta curricular para a escola pública do Ceará. Um conceito que agrega de modo articulado as categorias de 'Escola' como espaço social de aprendizagem; de 'Pública' como direito inalienável e intransferível de todos e de 'Currículo integrado' como prática articuladora de múltiplas dimensões da formação humana (CEARÁ, 2010, p.5).

No Estado do Ceará, em 2008, foram implementadas vinte e cinco escolas de Educação Profissional, seis localizadas na cidade de Fortaleza e 19 no interior do estado. Somente no ano de 2011, o município de Pentecoste inaugurou a 75ª Escola Estadual de Ensino Profissionalizante, que recebeu o nome de Alan Pinho Tabosa.

No ano de 2011, foram inauguradas 18 escolas padrão MEC, totalizando 77 escolas. Em 2012, foram inauguradas mais 15 escolas. Em 2013, 100 (cem) escolas já tinham sido inauguradas e, até o final do ano de 2014, a meta é chegar a um total de 140 (cento e quarenta) escolas, contemplando mais municípios cearenses e atendendo a um maior número de estudantes.

O município de Pentecoste faz parte do Vale do Curu, uma das regiões do Estado que atualmente mais se desenvolve devido à instalação de projetos estruturantes no Complexo Industrial e Portuário do Pecém, justificando-se, portanto, a necessidade de implementar naquele município uma Escola Profissionalizante para capacitar os jovens da própria região e garantir que eles tenham acesso ao mercado de trabalho. Até 2007, quando o Ceará não contava com nenhuma escola profissionalizante, existia o receio de trazer indústrias como a siderúrgica e a de refinaria e não haver pessoas capacitadas para trabalhar nesses empreendimentos.

Pentecoste, de acordo com os dados apresentados pelo IBGE, é um município com uma população de cerca de 35.400 habitantes em uma área territorial de 1.378.311 km². Chamou-se primeiramente Conceição da Barra e, depois, por sugestão de um padre que celebrou a missa inaugural no Domingo de Pentecoste, recebeu a denominação de Pentecoste.

O município é sede do Centro de Pesquisas em Aquicultura e de um escritório do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS). O centro é um dos maiores da América do sul, de onde são exportados alevinos de várias espécies e tecnologia de desenvolvimento de criatórios e reprodução de peixes para todo o estado e regiões norte e nordeste do país.

No município também fica localizada a fazenda experimental da Universidade Federal do Ceará. A preocupação com a qualificação da mão de obra se fez

presente também com a implementação do Centro Vocacional Tecnológico (CVT) e da Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa.

A escolha do município para sediar a escola de Educação Profissional foi um marco para a educação dos pentecostenses, não só pelo histórico que a cidade apresenta sobre os bons resultados advindos da aplicação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa, mas por se tratar de uma escola diferente das escolas de Ensino Médio do município, uma vez que agrega valores àqueles jovens da cidade, ao mesmo tempo em que os qualifica para atender à demanda de empregos surgidos naquela região.

Na ocasião da inauguração da Escola, foi assinado um convênio entre o Governo do Estado, através da Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC), e a UFC, para que a Universidade fosse cogestora da EEEP de Pentecoste. Como tal, caberia à UFC oferecer suporte para viabilizar a implantação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa na EEEP Alan Pinho Tabosa.

A intermediação entre Escola e UFC foi feita por meio da Coordenadoria de Articulação Escola-Universidade, integrada pelos professores Manuel Andrade Neto, Ana Célia Clementino Moura e Francisco Audísio Dias Filho. O Professor Andrade Neto é coordenador do Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE) e do Programa Células Estudantis de Aprendizagem Cooperativa, da Pró-Reitoria de Graduação. A professora Ana Célia Clementino Moura é do Departamento de Letras Vernáculas e Francisco Audísio Dias Filho, do Departamento de Química Orgânica e Inorgânica. Na EEEP os alunos têm a possibilidade de cursar o Ensino Médio e fazer um curso profissionalizante. São ofertados os cursos de Informática, Agroindústria, Agricultura e Comércio.

O Governo do Estado, em parceria com o Governo Federal, por meio do Ministério da Educação (MEC), investiu R\$ 8,3 milhões na instituição. O montante foi destinado à construção do prédio, que tem 4,5 mil metros quadrados, contando com 12 salas de aula. Assim como as outras unidades já inauguradas, a Escola é composta também por Laboratórios Tecnológicos, de Línguas, Informática, Química, Física, Biologia e Matemática, Ginásio Poliesportivo e Teatro de Arena.

O processo de seleção para o ingresso dos alunos nas escolas profissionais tem sido difícil, principalmente nas cidades do interior, onde esse espaço de aprendizagem se configura como a grande chance de os pais matricularem seus filhos em uma escola de qualidade. É importante o entendimento que, se a escola profissional já é um projeto de grande relevância nas cidades metropolitanas, configura-se de maior relevo ainda no interior, onde, na maioria das

vezes, a construção mais significativa para o município, não raro, é a escola dentro dos padrões MEC, com uma estrutura bastante diferenciada das escolas então existentes.

O ingresso do aluno na escola é pautado por Portaria da Secretária de Educação do Estado, que estabelece, entre outros requisitos, o critério de se calcular a média do resultado referente ao 9º ano do aluno concorrente a uma vaga. Outros detalhes são observados, como se o aluno pertence à comunidade na qual a escola está inserida. Um ponto importante é que somente 20% das vagas são destinadas aos alunos da rede particular, ficando para os alunos da escola pública 80% das vagas, o que possibilita uma chance maior de ingresso no novo modelo de escola.

Os professores, que também precisam fazer adesão para trabalhar na escola, passam por um treinamento sobre o modelo de gestão Tecnologia Empresarial Sócio Educacional (TESE) e, em seguida, por uma entrevista. A preferência é para os professores que já são contratados pela Secretaria de Educação por meio de concursos e, somente na carência, é que são convocados os que fazem parte do processo de seleção temporária. Atualmente, um dos desafios desse projeto é encontrar professores que se disponibilizem a dedicar a carga horária de trabalho de 40 horas aulas semanais nessas escolas que só funcionam nos turnos da manhã e da tarde. Os gestores, para atuarem nessas escolas, passam por um processo seletivo de prova escrita e de títulos, além de uma avaliação comportamental. Ao longo da trajetória no cargo, os diretores são mensalmente capacitados no processo de formação de liderança, realizado pela SEDUC, por meio da Coordenação de Educação Profissional.

O processo de escolha para o ingresso de qualquer funcionário interessado em trabalhar na escola é feito pelo núcleo gestor, que é composto por um diretor geral e três coordenadores pedagógicos. Desde agosto de 2013, as escolas recebem também um assessor financeiro para auxiliar nos processos licitatórios e nas prestações de contas, passando a integrar o núcleo gestor.

Os professores e demais funcionários que participam do processo devem formalizar adesão ao programa, realizar entrevista e treinamento no modelo de gestão TESE. Esse modelo, implementado nas Escolas Estaduais de Educação Profissional do Estado do Ceará, foi estrategicamente pensado de modo a conduzir as escolas de Ensino Médio ao novo conceito de ensino em tempo integral desenvolvido pelo Instituto de Corresponsabilidade pela Educação (ICE), no qual a escola é concebida como espaço social de aprendizagem garantido a todos, tendo como objetivo oferecer aos alunos, por meio de um currículo integrado, uma formação acadêmica, pessoal e profissional de melhor qualidade.

A TESE é definida como um método que visa a coordenar e integrar tecnologias específicas e educar pessoas por meio de procedimentos simples e que, facilmente, podem ser implementados na rotina escolar (LIMA, 2011). A Tecnologia Empresarial Sócio-Educacional, desenvolvida a partir da experiência gestora da empresa Odebrecht (TEO), foi adaptada para o contexto escolar pelo Programa de Implementação dos Centros de Ensino Experimental de Pernambuco (PROCENTRO), órgão da Secretaria de Educação de Pernambuco, criado em 2003. Atualmente é denominado de Programa de Educação Integral, sendo, inicialmente, implementado no Centro de Ensino Experimental Ginásio Pernambucano, em 2004 (LIMA, 2011).

Assim, cada ator do processo tem seu papel definido: os alunos, que são protagonistas do seu crescimento pessoal, cognitivo, relacional e produtivo; a equipe docente, administrativa e de apoio, que é protagonista do seu aperfeiçoamento pessoal e tecnológico, utilizando mais e melhor seus conhecimentos; o Gestor da escola, que é responsável pela formação dos novos líderes e se coloca dentro da instituição como referência de conduta, postura e atitudes para os seus liderados; os pais e familiares dos educandos, por sua responsabilidade na formação e crescimento do tutorado e a comunidade de parceiros, por sua corresponsabilidade com a proposta educativa da escola (LIMA, 2011, p.6).

Nesse contexto, é com esse desenho que as escolas de Educação Profissional vêm traçando novos rumos e dando novos direcionamentos à educação dos jovens cearenses. A EEEP Alan Pinho Tabosa é uma dessas instituições, empenhada em levar à população jovem do município de Pentecoste uma perspectiva melhor de futuro tanto na área propedêutica como no campo profissional.

DIRETRIZES DO PRECE

A metodologia do PRECE não utiliza critérios seletivos para formação de seus grupos, recebendo todo e qualquer estudante que deseja aprender, independente da sua formação prévia. Os estudantes acolhidos são agrupados em grupos chamados de células e possuem graus variados de conhecimento. Cada célula é formada por cerca de cinco a sete estudantes, subdividindo-se em duas diferentes frentes de trabalho: as Células de Iniciantes e as Células de Níveis Avançados. (ANDRADE NETO; MAZZETTO, 2006, p. 2)

Apesar de não haver nenhum processo seletivo, os estudantes, ao chegarem ao programa, passam por avaliações diagnósticas. O processo de diagnóstico, promovido pelos estudantes universitários, tem como objetivo constatar em que grau de escolaridade os novos alunos se encontram e, consequente-

mente, perceber como esses alunos podem contribuir com o grupo, visto que o estudo mais elaborado e direcionado só ocorre no final de semana, com a ajuda dos estudantes universitários, que retornam à comunidade para dar continuidade ao propósito de melhorar a aprendizagem daqueles que não tiveram oportunidade de estudar.

A partir do resultado das avaliações, são iniciadas as atividades de estudo nas células de revisão (iniciante) ou pré-vestibular (avançado). A metodologia da Aprendizagem Cooperativa se configura nessas atividades a partir do modo como os estudantes de cada célula se relacionam, durante a semana de estudo, buscando cumprir com os conteúdos que foram sugeridos por meio de leituras e de debates que ajudam a consolidar esses conhecimentos.

Durante toda a semana, os estudantes se reúnem na casa de farinha, cedida pelos pais do Professor Andrade Neto. Essa convivência é importante para os precisistas, uma vez que nesses momentos eles passam a partilhar não só o conhecimento, mas também dificuldades, sonhos, sentimentos, enfim, suas vidas. Segundo Andrade Neto e Mazzetto, as células de estudo funcionam assim:

Cada Célula de Iniciantes tem um monitor, representado pelo estudante com mais experiência no projeto e que recebeu capacitação prévia para assim atuar. Essa capacitação é realizada por estudantes universitários ou graduados oriundos do programa, e inclui conhecimentos sobre responsabilidade política, inclusão social, cidadania, pedagogia voltada à educação de células e na área específica que o mesmo irá atuar dentro da célula, ou seja, matemática, química, física etc (ANDRADE NETO; MAZZETTO, 2006, p. 3).

Com os estudantes das Células Avançadas, o processo metodológico se dá de forma semelhante, com uma diferença na orientação dos estudos nos finais de semana:

As células de Nível Avançado também se reúnem durante a semana [...] são compostas em média cinco a sete monitores, onde um deles exerce o papel de articulador, normalmente representado pelo mais experiente na metodologia empregada pelas células avançadas. Os estudantes das células avançadas são orientados nos finais de semana pelos universitários que já passaram pelo programa que retornam voluntariamente a comunidade para exercer essa função (ANDRADE NETO; MAZZETTO, 2006, p. 3).

Esse compromisso dos estudantes de retornarem às suas comunidades após ingressarem na universidade tem um significado importante. Primeiramente, por manter viva a ideia de estudos cooperativos e, ainda, por conseguir promover um elo do conhecimento institucionalizado da universidade com a educação informal do PRECE.

Outro dado interessante do retorno é que a cooperação não fica restrita aos estudantes que pleiteiam a vaga na universidade, mas também perpassa pelo ato do retorno à comunidade natal para ajudar outros estudantes. Isto é, a cooperação supera o objetivo imediato e estabelece uma cultura colaborativa.

Na verdade, outras vantagens podem se somar a essa ação dos estudantes, como, por exemplo, a de oportunizar à comunidade a convivência com pessoas que conseguiram ampliar os seus conhecimentos por meio do Ensino Superior. Ao retornarem com o intuito de fortalecer as células estudantis, os universitários fortalecem também o desenvolvimento da comunidade, contribuindo para que os jovens permaneçam em sua terra natal. Para Luz, um ex-aluno precisa:

Cada estudante, após o ingresso no Ensino Superior, retorna à sua comunidade de origem para ajudar os que ainda não conseguiram ser aprovados no vestibular, e, após a sua graduação, são estimulados a desenvolver projetos que favoreçam o desenvolvimento sustentável da sua região (LUZ, 2006, p. 16).

Ainda de acordo com Luz (2006), o retorno dos universitários reforça a lição de cooperação aprendida no PRECE, além de contribuir para o fomento do sentimento de responsabilidade em relação ao prosseguimento do projeto. A sugestão do Professor Manoel Andrade Neto aos estudantes foi que eles se reunissem diariamente, mesmo em sua ausência, e juntos estudassem os conteúdos, cada um contribuindo, a seu modo, para a aprendizagem coletiva. Essa estratégia de estudo recebeu muitas críticas dos pais e da comunidade. A maior desconfiança se dava pela ausência de um professor. Muitos questionamentos surgiam por parte dos pais e comunidade, como: “será que haverá aprendizado sem um professor ali para ensinar”, ou então, “como confiar num grupo de adolescentes decidindo o que vão fazer”, e ainda, “o que esses meninos têm para ensinar um para o outro”.

Apesar da descrença, da desconfiança dos familiares, da comunidade e, até mesmo, em alguns momentos, dos próprios estudantes, o professor continuava esperançoso e convicto de que o grupo tinha o que era necessário para seu processo de construção de conhecimento, ou seja, o grupo tinha a vontade de aprender. Segundo Rodrigues, no início das atividades em grupo, a despeito do fato de os estudantes não terem clareza de até onde eles poderiam chegar com essa iniciativa de estudo em pequenos grupos, estavam determinados e dispostos a investir na oportunidade (RODRIGUES, 2007).

A experiência não institucionalizada do PRECE, existindo apenas como grupo informal, vai de 1994 a 1998. No final de 1998, ela passou a existir juridicamen-

te, institucionalizada como uma associação denominada de Projeto Educacional Coração de Estudante (PRECE). Em 2004, o PRECE modificou seu estatuto do ponto de vista jurídico e passou de associação a instituto, passando a se chamar Instituto Coração de Estudante. Atualmente, PRECE significa: Programa de Educação em Células Cooperativas. A mudança veio para atender à variedade de trabalhos desenvolvida pelo PRECE, para possibilitar as parcerias e o financiamento necessário à manutenção das despesas decorrentes dessas atividades, e também, da possibilidade de atuar em novas frentes, inclusive na pesquisa.

As atividades desenvolvidas pelo PRECE ganharam notoriedade e as parcerias começam a se estabelecer. A primeira parceria do PRECE foi com a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, por meio da disponibilização de recursos financeiros, assim como o apoio espiritual aos estudantes precisistas. Essa parceria nasceu desde o momento em que o PRECE se tornou instituto, em 2004. Essa parceria constitui uma longa trajetória de apoio, tanto na comunidade de Cipó como na cidade de Fortaleza, quando a Igreja alojava, em suas dependências, alguns estudantes que iam prestar vestibular na Universidade Federal do Ceará.

A comunidade também se constitui como uma importante parceira ao participar de campanhas de arrecadação de alimentos, marcando presença nos eventos e disponibilizando meios de transportes aos precisistas, quando necessário.

A Fundação *Mary Harriet Speers* é outra parceira nas iniciativas de Aprendizagem Cooperativa desde 1998. Essa fundação, com sede em São Paulo, administrada pela Igreja Presbiteriana, atua apoiando projetos em diferentes estados brasileiros. No PRECE, a fundação atuou com a concessão de bolsas de estudo para estudantes do curso de Agronomia e, em contrapartida, esses estudantes deveriam atuar em comunidades de baixa renda. Para Rodrigues:

Os laços entre o PRECE e a Fundação foram se estreitando, as bolsas foram substituídas por um repasse mensal de recursos para o PRECE. [...] A fundação passou a constar como a maior apoiadora, em termos financeiros, contribuindo sistematicamente como recursos que muito representava para a entidade (RODRIGUES, 2007, p.74).

A Universidade Federal do Ceará se tornou parceira do PRECE no final do ano de 1998, em uma das ações que mais caracterizam essa metodologia de compartilhar conhecimento. A partir do ano citado, a UFC possibilitou meios para que os alunos retornassem às suas comunidades de origem nos finais de semana, com o objetivo de contribuir com os estudantes das células, para que

eles pudessem continuar os seus estudos e, assim, partilhar das mesmas conquistas que os universitários tiveram. Como estudantes universitários precisistas, eles têm à disposição um ônibus fornecido por essa instituição, através da Pró-Reitoria de Extensão, para o deslocamento às suas comunidades, sempre às sextas-feiras, com retorno às segundas.

Além das parcerias anteriormente citadas, que contribuíram para tornar a experiência do PRECE exitosa, outra que desempenhou um papel importantíssimo foi a do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA). Isso porque, como o PRECE funcionava de maneira informal, e atendia, principalmente, a estudantes fora da faixa etária, era necessária uma instituição que fizesse as avaliações dos seus alunos e conferisse a certificação.

Depois de várias tentativas frustradas com alguns CEJA, em Fortaleza, foi instituída uma parceria com o Centro de Educação de Jovens e Adultos Luiz Gonzaga Xavier Lima, na cidade de Itapipoca, interior do Ceará. A referida instituição passou a atender aos alunos na sede do PRECE, em Cipó. Essa ação representou muito para os precisistas e contribuiu para reduzir os custos dos alunos. Para Rodrigues (2007), essa parceria significou um grande avanço no atendimento ao estudante na própria comunidade:

Até o início do ano 2000, apenas 15 educandos precisistas estavam matriculados no Ensino Médio. Após a parceria esse número cresceu para mais de 70 estudantes. Ou seja, houve maior democratização de acesso ao ensino básico. [...] Ademais, a atuação do PRECE foi revigorada, pelo fato do seu trabalho educativo atender a um número maior de pessoas e de comunidades. A instituição tornou-se mais “forte”, em razão do maior alcance de atendimento aos estudantes que a ela recorria (RODRIGUES, 2007, p.77).

Essa caminhada de sucesso motiva o PRECE a buscar a sistematização da metodologia, pois, diante da demanda, era necessário buscar estratégias para manter um processo de aprendizagem que viesse assegurar a participação efetiva de todos os estudantes com o mesmo desejo de aprender e com perspectivas de mudar suas trajetórias, assim como acontecera com os sete estudantes que iniciaram o grupo de estudo em 1994. Isto é, embora o PRECE fosse sistematicamente se institucionalizando, elementos como a autonomia e a liberdade de iniciativa e o protagonismo dos sujeitos envolvidos continuaram a ser a referência maior da iniciativa educacional.

Nesse sentido, apesar da essência do trabalho em células cooperativas continuar sendo o elemento mais importante nessa metodologia do PRECE, observa-se outras contribuições que complementam essa experiência em uma espécie de troca e de enriquecimento de um trabalho que começou na infor-

malidade e que hoje ganha espaço e notoriedade, sem, contudo, perder de vista os elementos que o consagraram, isto é, a autonomia e a iniciativa dos envolvidos.

Observar tais estratégias é tarefa salutar para o sucesso na aplicação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa. Na verdade, são nortes importantes que fazem a diferença na implementação do método. É necessário que o professor, a escola, os alunos e os demais envolvidos no processo ensino-aprendizagem se apropriem desse conhecimento para facilitar a prática em sala de aula. As dificuldades sempre se apresentam na fala dos envolvidos por essa ser uma metodologia que tira o professor do centro do processo, colocando-o como mediador; diferencial este que, à primeira vista, pode parecer facilitar a vida desse professor, mas que, segundo seus depoimentos, faz com que os trabalhos fiquem mais complexos, exigindo muito mais esforços que a aula tradicional.

REFERÊNCIAS

ANDRADE NETO, Manoel; MAZZETO, Selma Eliane. Mútua Cooperação entre estudantes como estratégia de inclusão através da educação. **PerCursos**, Florianópolis, v.7, n.1, 2006.

CEARÁ. **Referenciais Para a oferta do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional da Rede Estadual de Ensino do Ceará**. Fortaleza: SEDUC, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

JOHNSON, D.W.; JOHNSON, R.T.; KARL, A. Aprendizagem Cooperativa Retorna às Faculdades: qual é a evidência de que funciona? **Change**, v.30, n.4, Julho/Agosto. 1998.

LIMA, Ivaneide Pereira de. **Manual Operacional. Modelo de Gestão – Tecnologia Empresarial Sócio-Educacional: uma Nova Escola para a Juventude Brasileira: Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral**. Instituto de Co-responsabilidade pela Educação (ICE) 2011. Disponível em: <http://www.ccv.ufc.br/newpage/conc/seduc2010/Manual_ModeloGestao.pdf> Acessado em 06 set. 2013.

LOPES, José; SILVA, Helena Santos. **A Aprendizagem Cooperativa na Sala de Aula** : um Guia Prático para o Professor. Porto: Lidel Edições Técnicas Ltda, 2009.

LUZ, Elton Lopes. **PRECE: Programa de Educação em Células Cooperativas: um movimento de educação para a autonomia**. [Monografia]. Curso de Licenciatura em Química. Fortaleza: UFC, 2006.

MIRANDA, Carmen Silvia Nunes de; BARBOSA, Marília Studart e MOISES, Talita Feitosa de. A aprendizagem em células cooperativas e a efetivação da aprendizagem significativa em sala de aula. *Rev. NUFEN*, São Paulo, v.3, n.1. 2011.

RODRIGUES, Francisco Antonio Alves. **Instituto Coração de Estudante: educação e mudanças sociais, políticas e culturais em comunidades rurais em Pentecoste, Ceará**. Dissertação de Mestrado. [2007]. Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. 2007.